

Repúblicas da Baco  
e da Marias do Loureiro,  
Aleksandra Rzeszutek<sup>i</sup>,  
Gioia Dell'Aquila<sup>i</sup>, João Peralta<sup>i</sup>,  
Miguel Alberto<sup>i</sup>, Pedro Renault<sup>i</sup>,  
Susana Lobo<sup>i</sup>, Tiago Castela<sup>ii</sup>

**Repúblicas do Baco  
e das Marias do Loureiro:  
Genealogia e Processo**

<sup>i</sup> DARQ

<sup>ii</sup> CES

N  
D  
T  
T  
B  
T  
H  
Y  
T

A equipa de projeto concentrou-se num exercício genealógico sobre o espaço das duas Repúblicas e do largo adjacente, de modo a habilitar a imaginação prospectiva.<sup>1</sup> Em conjunto com as repúblicas e os repúblicos – e seguindo atentamente as pistas sugeridas pelo seu espaço social – interrogamos as dicotomias conceptuais constantemente produzidas pela prática quotidiana do espaço, e que ao mesmo tempo a condicionam: por exemplo, as oposições entre público e privado, masculino e feminino, ou temporário e permanente. Com base nesta interrogação desnaturalizadora, o projecto proposto explora a partir das duas Repúblicas um futuro urbano para Coimbra fundado numa espacialidade quotidiana mais plural, de “lugares de simultaneidade e encontros, lugares onde a troca não passasse pelo valor de troca, do comércio, e do lucro” (Lefebvre, [1968] 1974, p. 107; nossa tradução). Para tal, recorremos a uma relação entre dois dispositivos espaciais favorecendo uma articulação de intimidade e publicidade noutras cidades: a antiga e “liminar” *altana* de Veneza (Cowan, 2011) e o recente e “animador” *parklet* de São Francisco (Southworth, 2014).

O exercício genealógico acima descrito não pode ser compreendido sem que recordemos o enfoque no processo da equipa de projeto. Parafraseando John Turner, privilegiamos o projecto enquanto verbo (1972, p. 151). Ao envolver desde o início e de uma forma repetida na reflexão coletiva as repúblicas e repúblicos, a equipa compreendeu de que forma o conhecimento especialista do espaço pode servir, não para impor uma visão normativa da modernidade urbana a ser “apropriada”, mas antes para transformar o ambiente construído da cidade de um modo inspirado pela necessária diversidade de práticas e experiências espaciais, incluindo as práticas e experiências associadas à ética cooperativa das Repúblicas. Consequentemente, utilizamos durante a semana esboços e modelos rapidamente elaborados, que fomentaram um espaço social emergente, entre conhecimento especialista e conhecimento cidadão; um espaço fugaz mas frutífero.

1 → Evocamos aqui a proposta do filósofo francês Michel Foucault sobre a “genealogia” como investigação sobre a formação contingente dos conceitos que quotidianamente condicionam a prática ([1971] 2004).

#### Referências

Cowan, A. (2011). Seeing is believing: Urban gossip and the balcony in early modern Venice. *Gender and history*, 23 (3), 721-738.  
—  
Foucault, M. ([1971] 2004). Nietzsche, la généalogie, l'histoire. In *Philosophie: Anthologie*. Paris: Gallimard.

Lefebvre, H. ([1968] 1974). *Le droit à la ville, suivi de espace et politique*. Paris: Éditions Anthropos.

—  
Southworth, M. (2014). Public life, public space, and the changing art of city design. *Journal of urban design*, 19 (1), 37-40.

Turner, J. (1972). Housing as a verb. In J. Turner and R. Fichter (Eds.). *Freedom to build: Dweller control of the housing process*. Nova Iorque: The Macmillan Company.



# BACO + MARIAS DO LOUREIRO











Repúblicas da Bota-Abaixo,  
David Martins<sup>i</sup>, Nádia Romão<sup>i</sup>,  
Maria Resende<sup>ii</sup>, Eva Paiva<sup>ii</sup>,  
Micael Soares<sup>ii</sup>, Laura Iglesias<sup>ii</sup>,  
Madalena Pinto da Silva<sup>iii</sup>,  
Pedro Baganha<sup>iii</sup>,  
Adelino Gonçalves<sup>iv</sup>

**Real República  
do Bota-Abaixo: Reabilitar  
e Ativar o Património**

i ISCTE-IUL

ii DARQ

iii FAUP

iv DARQ-CES

A Real República do Bota-Abaixo, situada na Rua S. Salvador, na Alta de Coimbra, integra-se no grupo das 25 repúblicas existentes atualmente em Coimbra.

Fundada em 1949, a República faz uso de um edifício de 4 pisos, do qual é, atualmente, proprietária, sendo que constitui neste momento uma associação.

No contexto urbano, o edifício insere-se na malha medieval da Alta de Coimbra, com frente para a Rua de São Salvador e traseira para a Rua do Cabido. Esta última com potencial em termos de percurso turístico, uma vez que liga a Sé Nova, a Igreja de São Salvador o Museu Machado Castro e a Sé Velha. Apesar de não ser oficialmente considerada como tal, a República é vista pelos estudantes e pelos moradores como património histórico da cidade, constituindo também um ponto de interesse turístico.

O programa deste tipo de habitação é versátil, transformando-se de acordo com as necessidades dos repúblicos e/ou as atividades por eles organizadas, tanto para os habitantes como para a comunidade exterior. Aquando da realização deste workshop, a casa dispunha de 9 quartos, sala comum, biblioteca, cozinha, sala de jantar, lavandaria e 2 casas de banho. Contava ainda com um pátio exterior que, a partir da Rua do Cabido, permitia o acesso ao piso inferior, semienterrado, com duas habitações independentes. Numa residia uma inquilina idosa, e a outra encontrava-se desabitada, e consequentemente deixada ao abandono.

A proposta de intervenção fez-se com o objetivo de ativar o carácter patrimonial da República e recuperar a sua função de condensador social, outrora determinante, uma vez que durante o período de regime ditatorial esta se tratava de um importante ponto de encontro, onde estudantes e comunidade se reuniam em tertúlias antifascistas que contavam com a presença de personalidades como Zeca Afonso e Adriano Correia de Oliveira. Através da reabilitação e requalificação do espaço, a proposta visa a transformação da República do Bota-abaixo num lugar de referência na Alta de Coimbra, estabelecendo e reforçando pontes com comunidade (a partir do turismo, organização de eventos culturais, ciclos de cinema, etc.) garantindo, assim, a sua permanência futura.

A proposta em si, caracteriza-se pela transformação das divisões do volume longitudinal em espaços comuns (sala de estar e biblioteca), ampliação da sala de jantar – dando resposta às necessidades dos repúblicos e comensais de uma zona de refeições mais ampla –, criação de uma sala polivalente para eventos, integração de uma espaço para a Associação José Afonso e requalificação do pátio, prolongando-o até à Rua do Cabido de modo a criar uma nova entrada e assim introduzir a República e a Associação Zeca Afonso no percurso turístico e de interesse histórico e patrimonial existente.



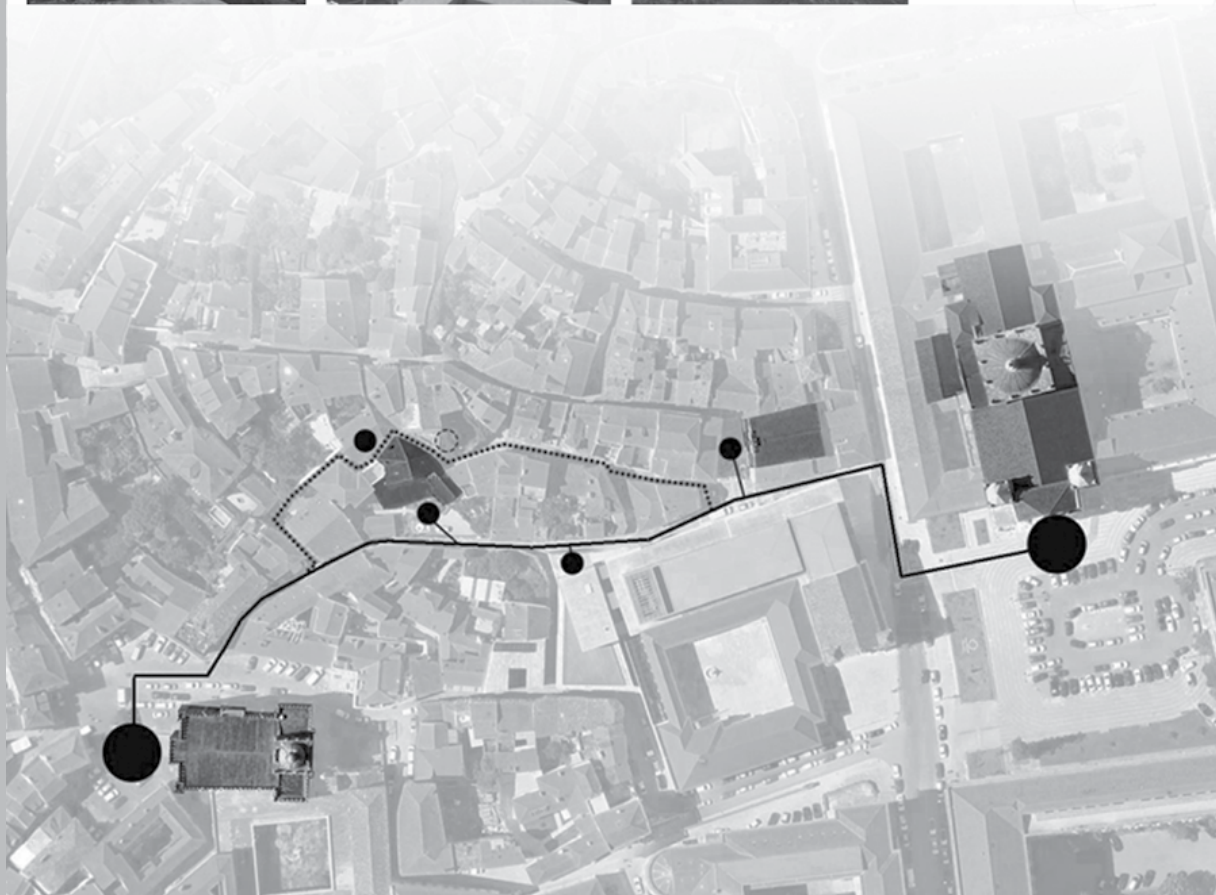
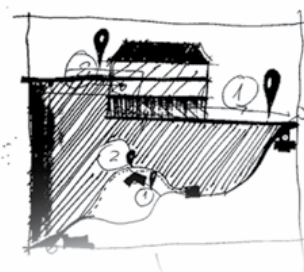


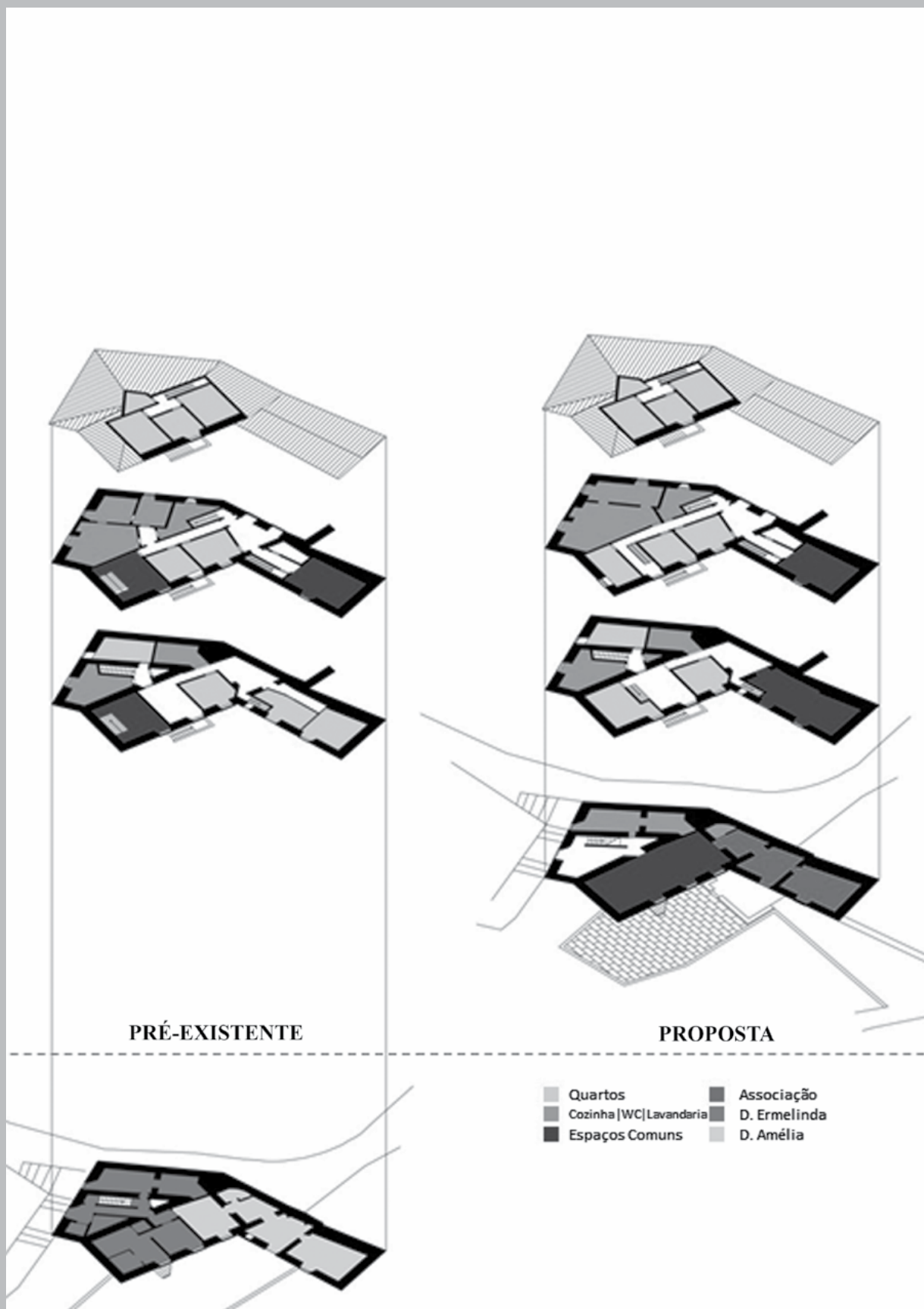
# ACTIVAR RE(S)PUBLICA GERAR PATRIMÓNIO





questão da casa pública  
questão do habitat









Repúblicos do Kuarenta,  
António Miguel Fernandes<sup>i</sup>,  
Luís Esteves<sup>i</sup>,  
Maria João Lobo<sup>i</sup>,  
João Leite<sup>ii</sup>, Jorge Morais<sup>ii</sup>,  
Fátima Fernandes<sup>iii</sup>, José Semide<sup>iii</sup>,  
Gonçalo Canto Moniz<sup>iv</sup>,  
Carolina Ferreira<sup>iv</sup>

**Kuarenta: Documentário  
e Centenário para uma  
República Comunitária**

i EAUM

ii DARQ

iii ESAP

iv DARQ-CES

A República do Kuarenta está instalada na Rua da Matemática, desde 1975. Esta localização não só a situa no centro histórico da cidade, como também a coloca numa zona charneira entre a Cidade e a Universidade, entre a Alta e a Baixa.

A casa Kuarenta, com quatro pisos e águas furtadas, ocupa um lote estreito com um pequeno saguão a Sul. Numa sucessão de pequenos compartimentos, voltados a Norte para a rua ou a Sul para o saguão, os repúblicos exploram com criatividade todos os espaços. Se o quotidiano obriga a uma permanente ginástica, o momento mais dramático é no centenário, quando todos os anos, a casa recebe mais de uma centena de antigos elementos e amigos para partilhar o aniversário.

Perante estas condições, o grupo considerou dois caminhos. Num primeiro momento, a realização de um Documentário, que tornasse visível este mundo complexo e inventivo do Kuarenta. Num segundo momento, a realização de um projecto para o cenário extremo, o dia do Centenário.

O Documentário foi realizado utilizando o Desenho como ferramenta de reconhecimento do espaço e levantamento exaustivo de todos os objectos que ocupam a casa, permitindo assim compreender a intensidade com que a casa é habitada e como é vivida. Seguiu-se um método de análise utilizado, na década de 60, pelos estudantes de Arquitectura na Escola Superior de Belas-Artes do Porto, denominado “Inquérito Urbano”, com o objectivo de conhecer para intervir.

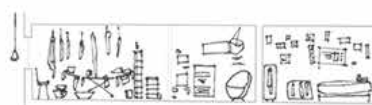
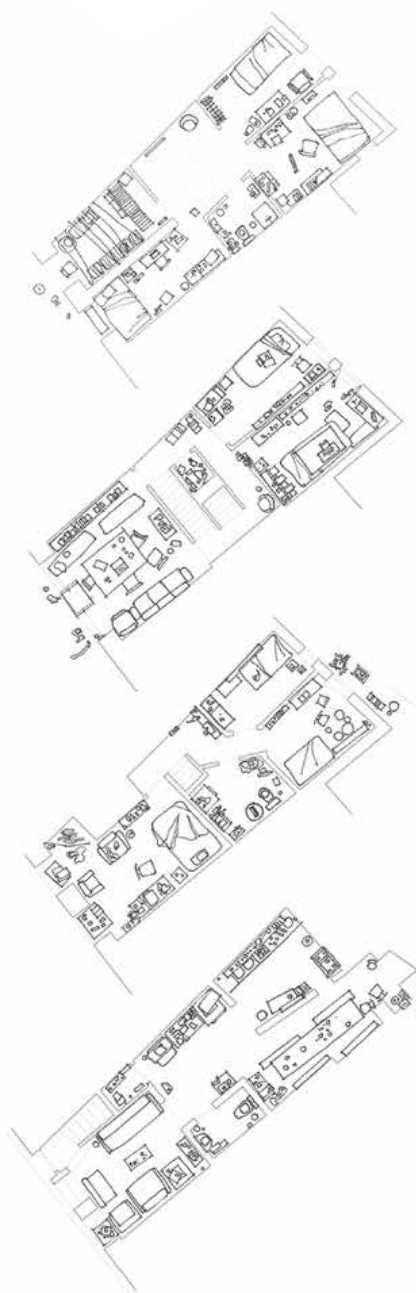
O Centenário foi explorado através do projecto, considerando que é necessário construir uma mesa para mais de cem pessoas. Habitualmente, esta mesa extravasa o refeitório da República e naturalmente ocupa a rua. Assim, considerou-se que a partir de um sistema de tábuas e elementos metálicos de uma empresa de andaimes se poderia montar uma “mesa comunitária” que levasse, neste evento, a República e os repúblicos à cidade. Esta mesa poderia ainda transformar-se num conjunto de “estruturas em movimento” de apoio ao quotidiano da República nos restantes 355 dias do ano. Imaginaram-se então diversos cenários que resolvessem problemas do dia-a-dia dos repúblicos: uma fachada habitável no saguão, o acesso às águas furtadas para as sessões de cinema, a projecção de filmes nas escadarias da cidade, a realização de um palco ambulante, a consolidação estrutural do edifício, etc.

Pretendia-se assim consolidar a dimensão comunitária e cultural que já está bem presente no Kuarenta a partir de um sistema articulador que ligasse diversas repúblicas em torno de acções comuns.



## DOCUMENTÁRIO

LEVANTAMENTO CRÍTICO | OBJETOS | APROPRIAÇÕES



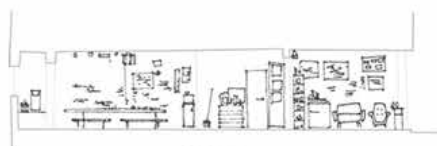
Piso 3



Piso 2



Piso 1



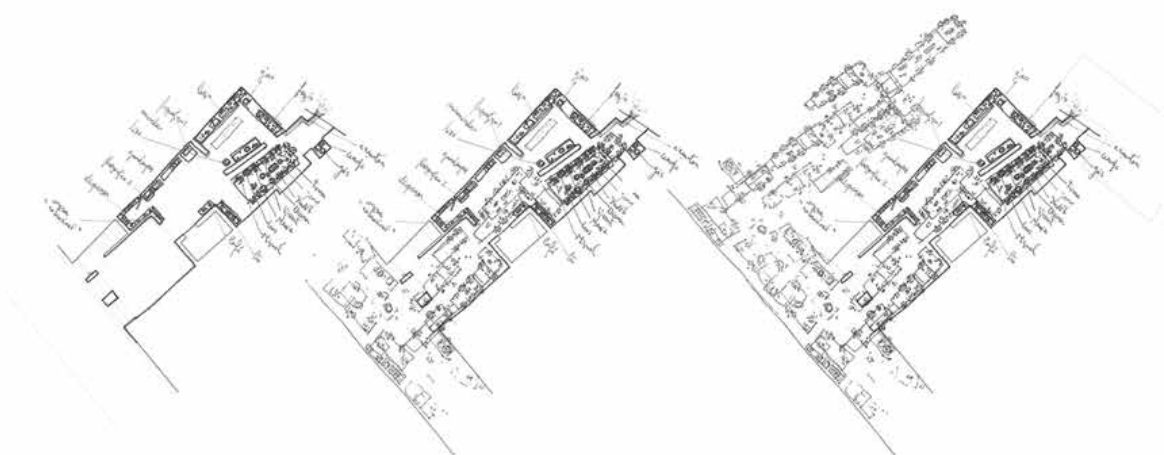
Res-do-chão





## EVENTO

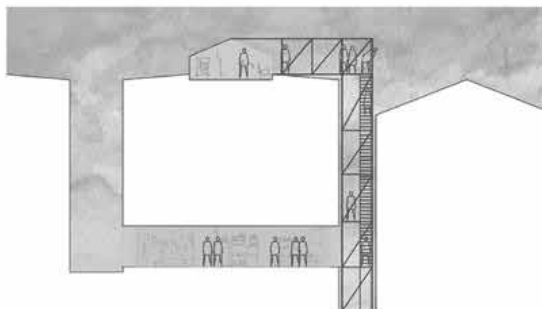
MESA COMUNITÁRIA | CENTENÁRIO | PRIMAVERA



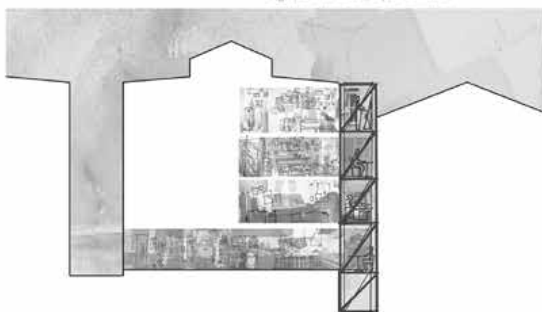


## QUOTIDIANO

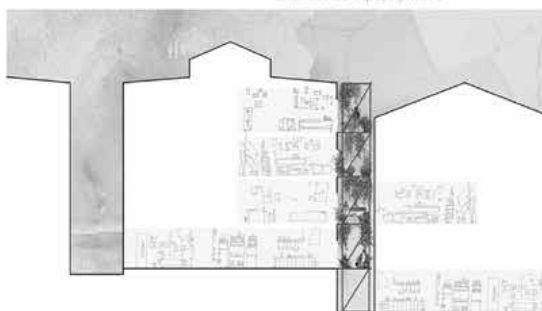
ESTRUTURA VERTICAL | "BURACO NEGRO"



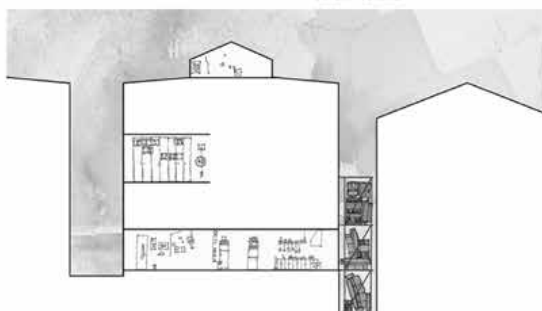
Ligação entre espaços comuns



Extensão do espaço privado



Jardim vertical



Arrumos

ESPAÇO PÚBLICO | FACHADA HABITÁVEL | ESTRUTURA EM MOVIMENTO



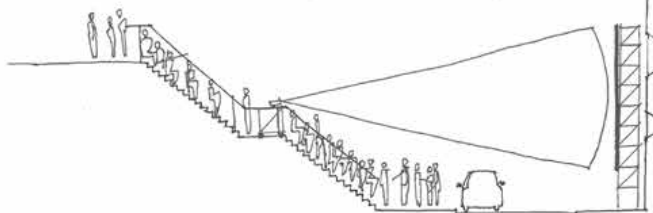
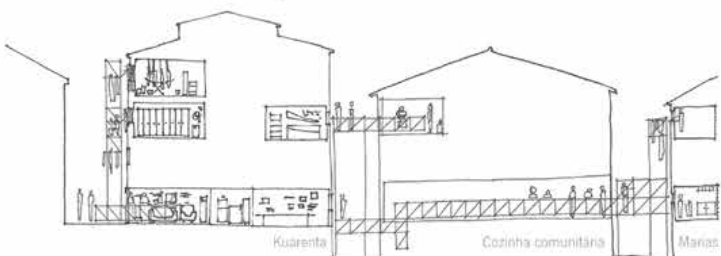
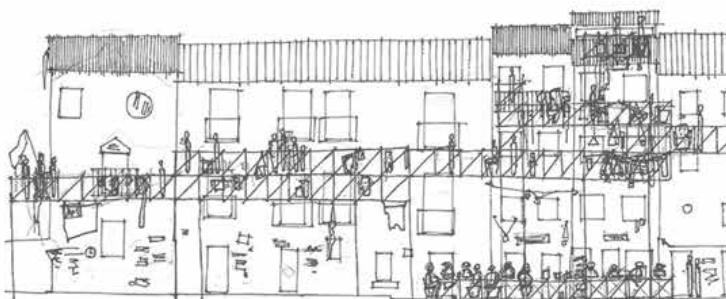
Kwarantana



Repúblicas • espaços devolutos



Sistema articulador



Repúblicas da Prá-Kys-Tão  
Margarida Marques<sup>i</sup>,  
Pedro Coutinho<sup>i</sup>, Ricardo Leitão<sup>i</sup>,  
Ana Cortez<sup>ii</sup>, Ana Moreira<sup>ii</sup>,  
Bárbara Gil<sup>ii</sup>, Inês Barreto<sup>ii</sup>,  
Manuel Ramalho<sup>ii</sup>,  
Francisco Ferreira<sup>iii</sup>,  
Joaquim Almeida<sup>ii</sup>

**Prá-Kys-Tão:  
Alojamento Estudantil  
e Reabilitação Urbana  
Navegar é preciso**

<sup>i</sup> FAUP

<sup>ii</sup> DARQ

<sup>iii</sup> EAUM

N  
Z  
D  
I  
I  
B  
I  
H  
Y  
T

A Real República do Prá-kys-tão foi fundada em 1951, contando actualmente com 8 repúblicos (residentes fixos) e 5 comensais (habitantes que participam nas refeições, actividades da casa, e possuem chave da república, mas não quarto individual).

É uma das mais emblemáticas e antigas repúblicas de Coimbra, quer pela origem do edifício, que remonta ao século XVI, quer pela sua forma que evoca uma nau marítima. Os repúblicos que aqui habitam, caracterizam-se por um espírito assumidamente anti-praxe desde 1969, que visa ao mesmo tempo uma importante abertura à comunidade que o rodeia, quer através da organização de eventos (ex: sessão de cinema inter-repúblicas), quer através de um desejo de uma maior abertura à sociedade envolvente. Tal facto é correspondente do espírito das repúblicas coimbrenses, cabendo-nos a nós, estudantes de arquitectura, realçar este espírito comunitário através do carácter urbano que as mesmas formam. O espaço de 100 metros quadrados neste momento desocupado no piso inferior da Prá-kys-tão, também surge como um tema de projecto para o desenvolvimento deste paradigma.

Quando confrontámos os repúblicos sobre quais os principais problemas da casa que gostavam de ver resolvidos recebemos respostas sobre o perigo que “a casa caia”, devido à facilidade de infiltrações que possam fragilizar a estrutura. O facto de a cozinha não estar junto à sala de jantar, também é algo que têm especial interesse em ver resolvido, de modo a que o “cozinheiro do dia” possa estar em constante contacto com os restantes habitantes e não isolado a cozinhar. Também transmitiram a sua preocupação face à falta de organização presente no espaço utilizado para a caixa de areia para os gatos, o ruído que entra em alguns quartos e o frio presente em todo o primeiro andar da casa.

Existe assim um sentido de habitar informal da casa onde a justaposição de informações, poemas, frases carismáticas e desenhos das paredes corresponde a uma justaposição temporal das diferentes vidas que habitaram nesta república. Face a isso, atrevemo-nos a distribuir esta informalidade entre duas vertentes. A primeira, consiste numa aparente desorganização que não nos parece pejorativa para o bom funcionamento da casa (ex: os objectos que se vão acumulando na sala de estar). A segunda, num conjunto de espaços cujo reenquadramento da organização dos espaços, será de todo benéfico para os seus utilizadores (ex: a biblioteca; o carrinho de compras como modo de armazenar a roupa suja).

Perante este conjunto de problemáticas, um dos principais desafios que passa pelas nossas mãos é a resolução destes problemas, sem alterar a essência da casa em questão. Para as pessoas que aqui vivem, a noção de respeito pela memória dos antigos repúblicos que habitaram na Prá-kys-tão é um ponto fulcral e um dos temas de projecto deste workshop. Concluímos uma grande vontade por parte dos repúblicos em não retocar em três paredes da casa devido aos desenhos que são parte integrante da “alma” da mesma. Os repúblicos transmitiram-nos a ideia de que os antigos habitantes não se importariam que a casa

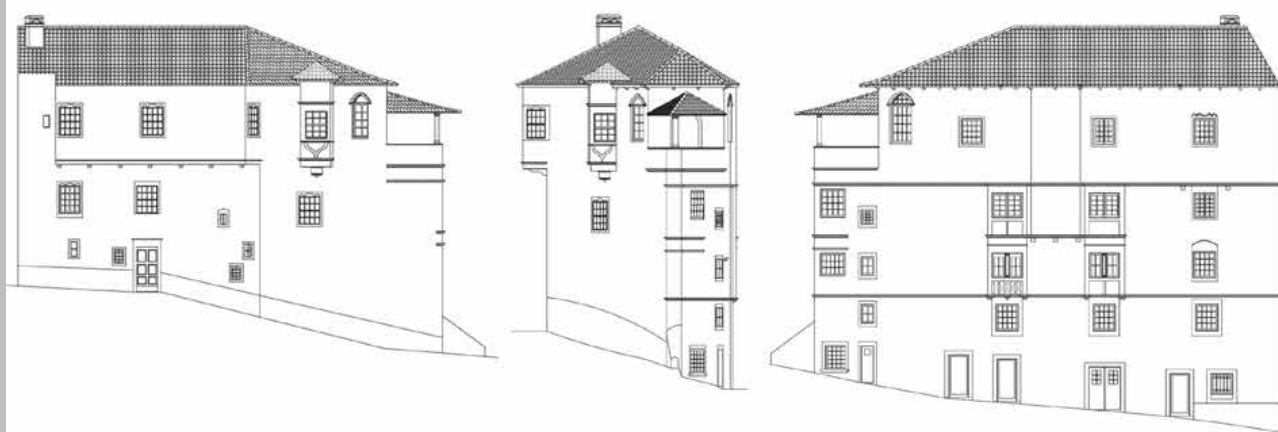


fosse muito alterada em prol de uma boa vivência dos habitantes actuais, mas existe o receio de alterar o passado dos antigos repúblicos. Há que ter em conta este sentimento de hereditariedade de valores que percorre as paredes destes espaços, aliado a um impulso de organização renovador que transmite um amor pela história da casa e um sentimento de identidade comunitária. Este é um sentimento que, face ao medo de perder os direitos de propriedade se resume na frase de um dos repúblicos: “não vamos sair da casa que nos viu nascer”.



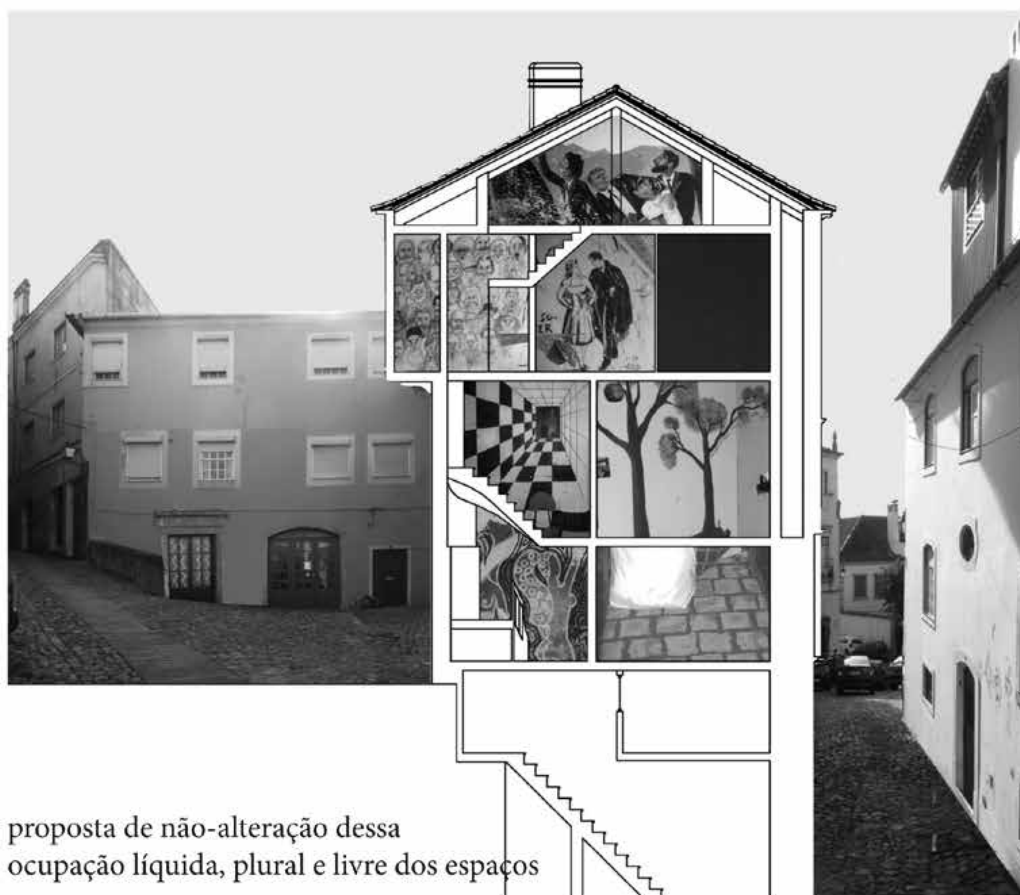
## Prá-kys-tão

navegar é preciso

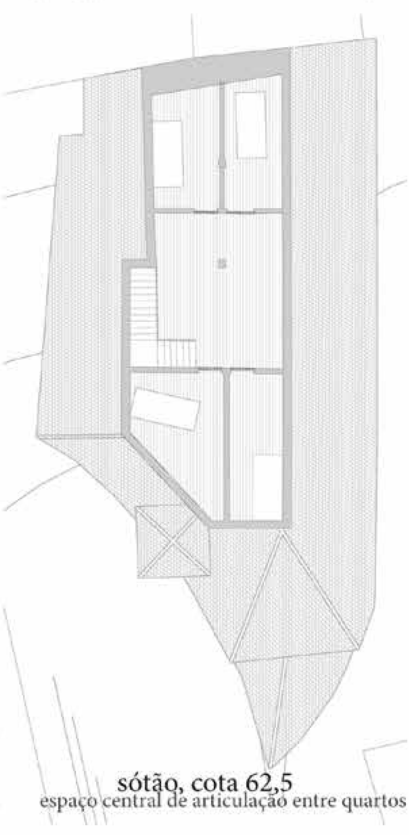
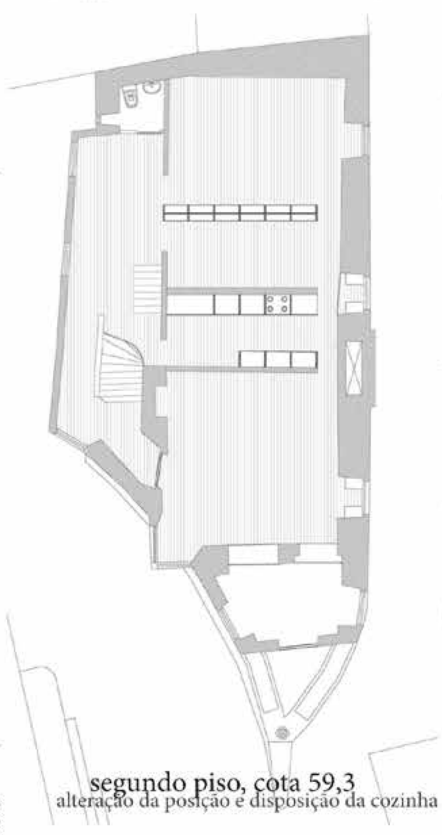
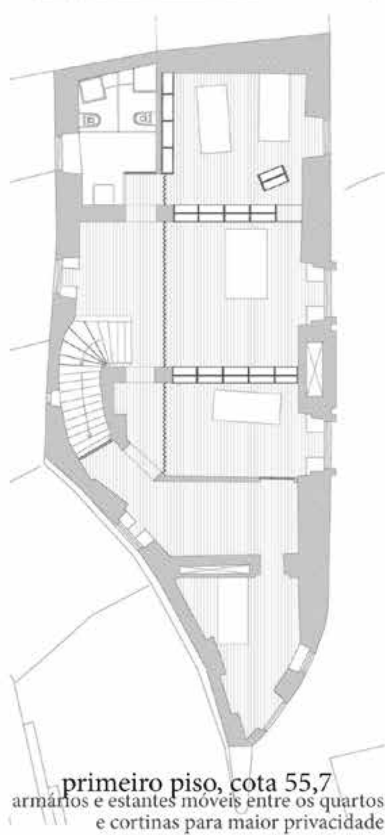
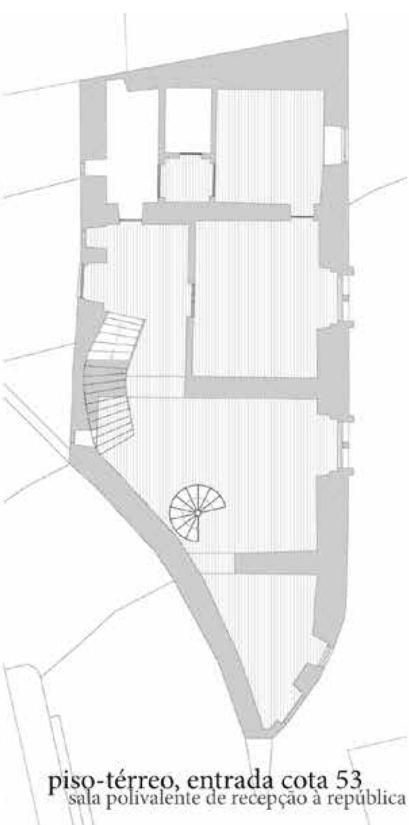
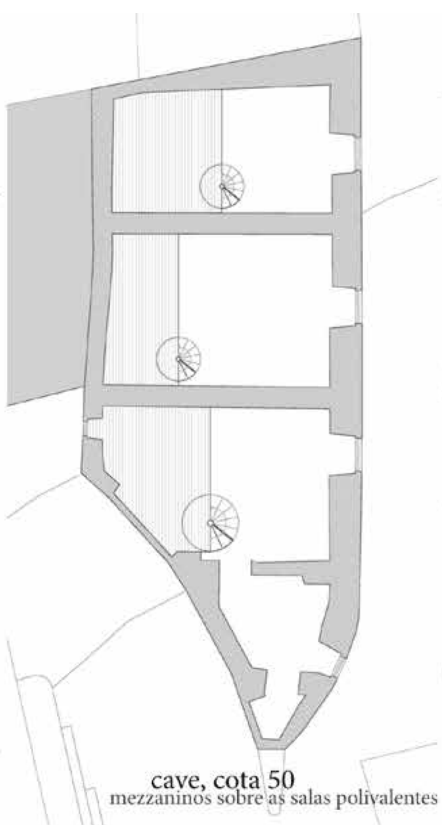
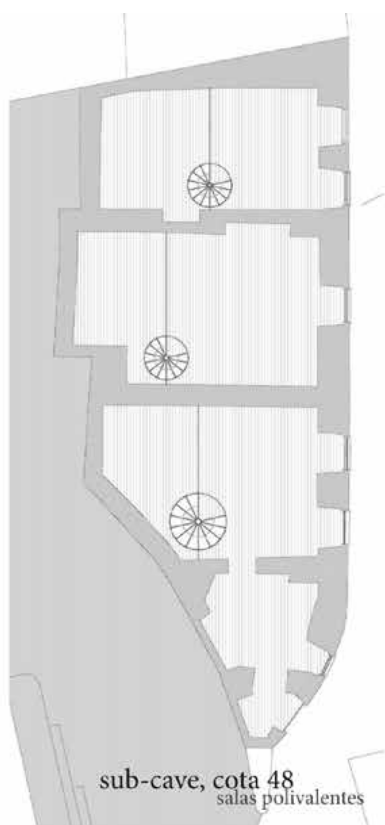




entre o caos e o cosmos - imagens da vivência na república



proposta de não-alteração dessa  
ocupação líquida, plural e livre dos espaços



Repúblicos da Rás-Teparta,  
André Machado<sup>i</sup>, Bruno Vieira<sup>i</sup>,  
Manuel Lemos<sup>i</sup>,  
Dominika van Eenbergen<sup>ii</sup>,  
Marlene David<sup>ii</sup>, Mariana Moura<sup>ii</sup>,  
Simão Lopes<sup>ii</sup>,  
Paulo Tormenta Pinto<sup>iii</sup>,  
Vitor Mingalho<sup>iii</sup>,  
Armando Rabaça<sup>ii</sup>  
**República Rás-Teparta**

<sup>i</sup> ESAP

<sup>ii</sup> DARQ

<sup>iii</sup> ISCTE



Depois de distribuídos os grupos de trabalho, o nosso, constituído por alunos da Universidade de Coimbra e da Escola Superior Artística do Porto e orientados pelos Arquitetos Armando Rabaça, Vitor Mingalho e Paulo Tormenta Pinto, efetuou novamente uma visita ao edifício pertencente à Real República Rás-Teparta. Este momento foi fundamental para um melhor entendimento do fenómeno das Repúblicas em Coimbra assim como para perceber a sua real importância e contributo para a formação de uma entidade colectiva que é reconhecível na cidade. Aprendemos prontamente a valorizar o esforço que está implícito na manutenção destas estruturas sociais; os Repúblicos são ainda hoje em grande medida responsáveis pela ligação entre a população residente da cidade e a comunidade académica.

O edifício é dividido em três pisos. Da entrada nascem alinhados dois lances de escadas de tiro, intervaladas por um momento de descanso que dá acesso ao quarto que ocupa o primeiro piso. Este percurso, leva a uma outra escada que se desenvolve em forma de U até ao ponto mais alto do edifício, onde se encontra uma claraboia que ilumina todo o vão.

No segundo piso, além de um corredor que distribui para três quartos, encontra-se a sala nobre do edifício, marcada pelas pinturas nas paredes carregadas de histórias, assim como pelo museu criado pela República. É aqui que os repúblicos e os seus convidados se reúnem, onde são feitas as refeições, as reuniões, as sessões de cinema, e quaisquer outras atividades que ali se desenvolvam.

No último piso, a tipologia de quartos repete-se, e ao fundo do corredor, em vez de uma casa de banho, como acontece no segundo piso, encontra-se a biblioteca e a zona de estudo. Aqui existem cinco quartos.

A cozinha, à qual se acede a partir do segundo piso, apresenta-se como um acrescento desqualificado, de tal modo que ocupa o logradouro juntamente com um acrescento do edifício adjacente.

Ao descobrir o piso térreo, que teria sido ocupado pelo antigo bar Califa, o nosso contributo de projeto não propriamente para o edifício, mas sim para a República tornou-se evidente.

Este espaço, com acesso direto para a rua, revelou-se como o verdadeiro potencial de modo a revitalizar a visibilidade da Real República Rás-Teparta.

O empenho do nosso grupo de trabalho focou-se no desenvolvimento de uma proposta que fosse exequível e que claramente contribuísse para a melhoria da habitabilidade e funcionalidade do edifício da república, reafirmando o seu papel unificador, de preservação da memória e de projeção do futuro da cidade de Coimbra.

A proposta prevê uma nova distribuição dos usos da República, trazendo para este espaço do rés-do-chão a zona social do edifício.

Para tal, propõem-se a demolição da cozinha existente, por forma a repor a tipologia original do edifício, recuperando o pátio do piso térreo.

Os pisos que se desenvolvem em cima do piso térreo ganham um

# Digitally

# Digitally

# Digitally

# Digitally

## Workshop de Projecto de Arquitectura - Repúblicas, Arquitectura, Universidade e Cidade.



Panorâmica da cidade



Panorâmica da sala de convívio

Depois de distribuídos os grupos de trabalho, o nosso, constituído por alunos da Universidade de Coimbra e da Escola Superior Artística do Porto e orientados pelos Arquitectos Armando Rebaga e Vítor Mingaço, efectuou novamente uma visita ao edifício pertencente à Real República Rás-te-partá. Este momento foi fundamental para um melhor entendimento do fenómeno das Repúblicas em Coimbra assim como para perceber a sua real importância e contributo para a formação de uma entidade colectiva que é reconhecível na cidade. Aprendemos prontamente a valorizar o esforço que está implícito na manutenção destas estruturas sociais: as Repúblicas são ainda hoje em grande medida responsáveis pela ligação entre a população residente da cidade e a comunidade académica.

O edifício é dividido em três pisos. Da entrada nascem alinhados dois lances de escadas de tiro, intercaladas por um momento de descanso que dá acesso ao quarto que ocupa o primeiro piso. Este percurso, leva a uma outra escada que se desenvolve em forma de U até ao ponto mais alto do edifício, onde se encontra uma clarabóia que ilumina todo ovão. No segundo piso, além de um corredor que distribui para três quartos, encontra-se a sala nobre do edifício, marcada pelas pinturas nas paredes carregadas de histórias, assim como pelo museu criado pela República. É aqui que as repúblicas e os seus convidados se reúnem, onde são feitas as refeições, as reuniões, as sessões de cinema, e quaisquer outras atividades que ali se desenvolvem. No último piso, a tipologia de quartos repete-se, e ao fundo do corredor, em vez de uma casa de banho, como acontece no segundo piso, encontra-se a biblioteca e a zona de estudo. Aqui existem cinco quartos.



Fotografia da fachada



Fotografia das escadas



Fotografia do logradouro

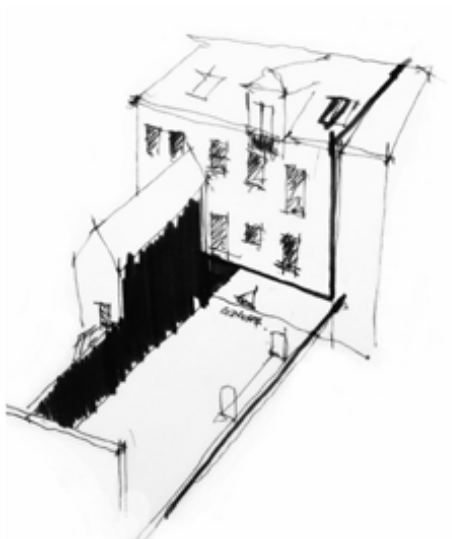
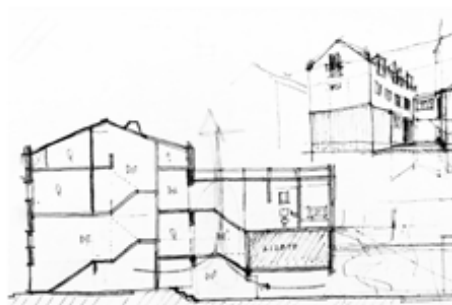


Fotografia do Café

PROPOSTA REAL REPÚBLICA RÁS-TE-PARTÁ

P1

## Workshop de Projecto de Arquitectura - Repúblicas, Arquitectura, Universidade e Cidade.



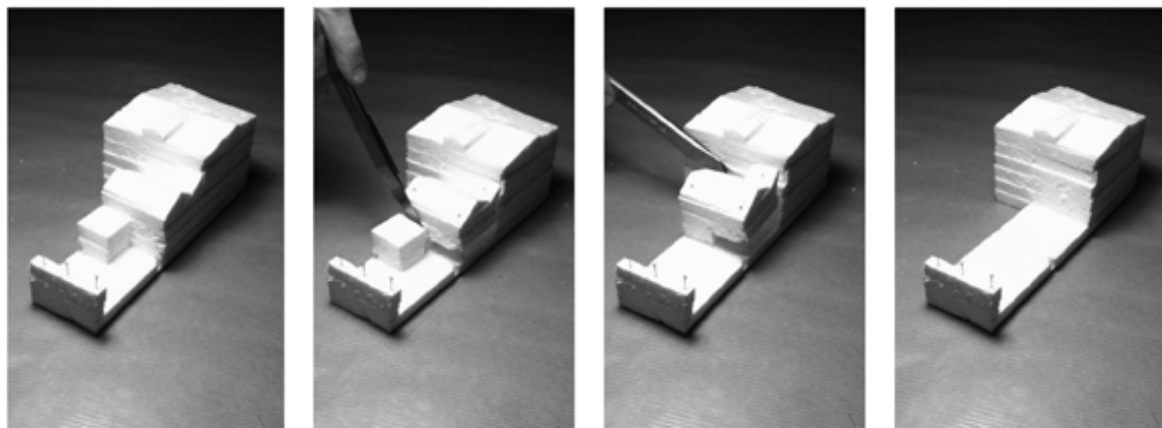
Fotografias do processo

A cozinha, à qual se acede a partir do segundo piso, apresenta-se como um acrescento desqualificado, de tal modo que ocupa o logradouro juntamente com um acrescento do edifício adjacente. Ao descobrir o piso térreo, que teria sido ocupado pelo bar *Calta*, o nosso contributo de projeto não propriamente para o edifício, mas sim para a República tornou-se evidente. Este espaço, com acesso direto para a rua, revelou-se como o verdadeiro potencial de modo a revitalizar a visibilidade da Real República Rás-Te-Parta.

O empenho do nosso grupo de trabalho focou-se no desenvolvimento de uma proposta que fosse exequível e que claramente contribuisse para a melhoria da habitabilidade e funcionalidade do edifício da república, reafirmando o seu papel unificador, de preservação da memória e de projeção do futuro da cidade de Coimbra.



Workshop de Projecto de Arquitectura - Repúblicas, Arquitectura, Universidade e Cidade.



Fotografias da Maquete - Faseamento de Projecto

A proposta prevê uma nova distribuição dos usos da República, trazendo para este espaço do rés-do-chão a zona social do edifício.

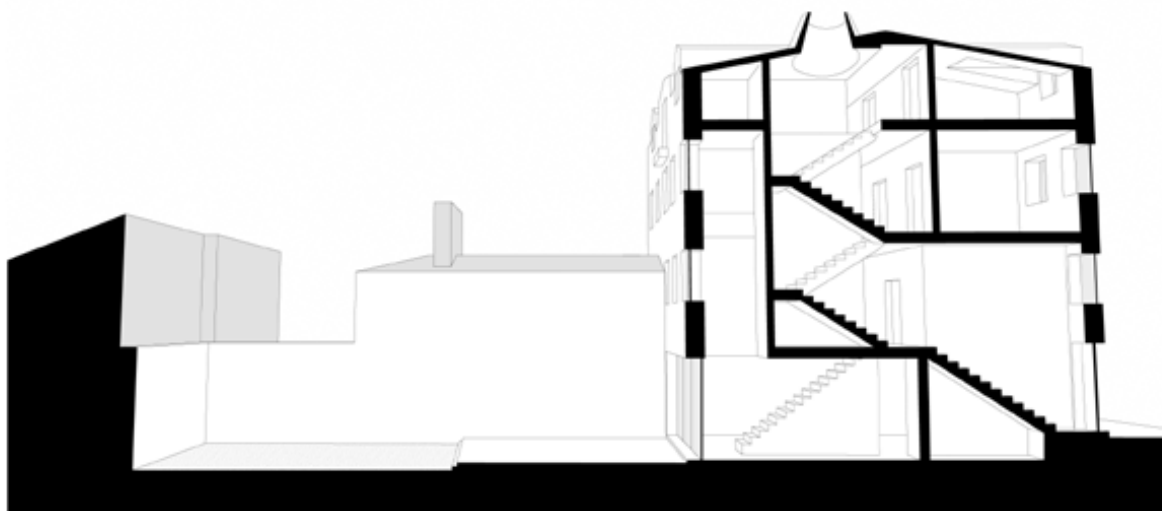
Para tal, propõem-se a demolição da cozinha existente, por forma a repor a tipologia original do edifício, recuperando o pátio do piso térreo.

Os pisos que se desenvolvem em cima do piso térreo ganham uma certa privacidade. Os quartos mantêm-se, a sala nobre, de acordo com a vontade dos Repúblicos, passa a destinar-se somente às reuniões privadas da República, e todas as funções alimentares passam para a zona de intervenção, onde a cozinha e a sala de convívio se prolongam para o exterior; composto pelo pátio que surge da reabilitação do logradouro.

Do primeiro piso nasce uma escada que estabelece uma ligação interior entre a nova zona de convívio e o espaço da república pré-existente.



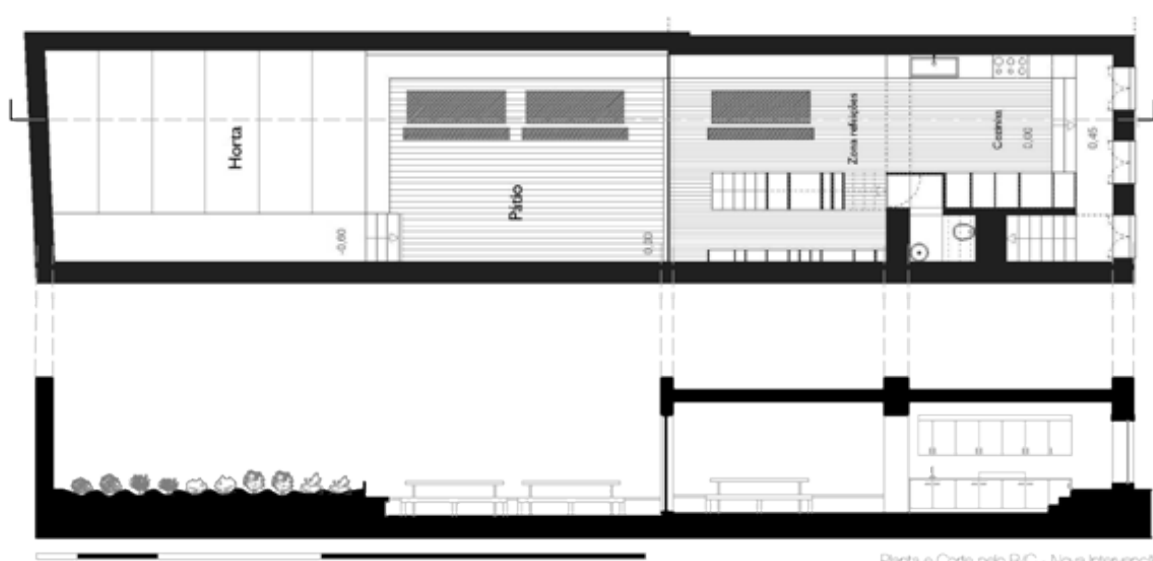
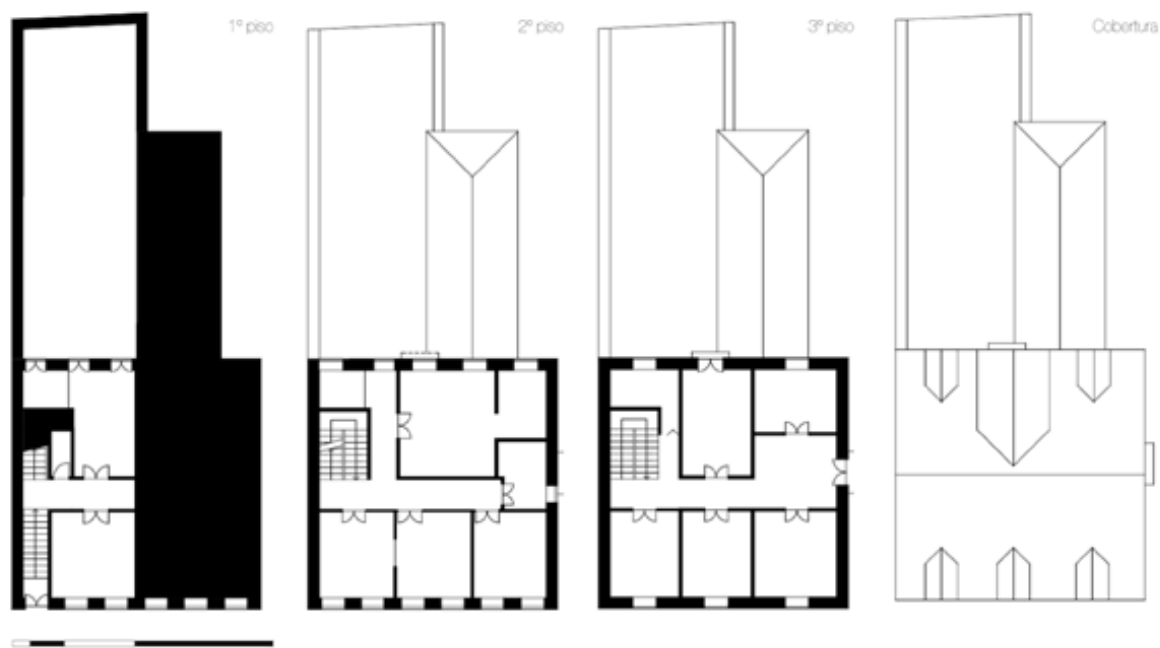
Perspectiva do Conjunto com nova intervenção



PROPOSTA REAL REPÚBLICA RÁS-TE-PARTA

P3





Planta e Corte pelo R/C - Nova Intervenção

O resultado deste exercício projetual de curta duração foi um espaço de características lineares, reforçado pela horizontalidade de um elemento que se estende do interior do edifício para o logradouro. Este, começa por ser um balcão de cozinha, passando por ser um aparador até culminar num banco que define o perímetro da zona social exterior. Tem como objetivo criar um espaço multifuncional, que pudesse servir de palco a pequenos concertos, debates, ciclos de cinema e fundamentalmente que permitisse a realização de refeições para um número elevado de pessoas. A intervenção foi pensada para ser realizada de forma faseada, promovendo a autoconstrução de alguns componentes.

Existem claramente três áreas fundamentais, a cozinha/copa, uma área dimensionada para proporcionar a realização dos debates, a visualização de conteúdos multimédia, as refeições e ainda toda a zona do logradouro. O logradouro é fundamental no papel que pode desempenhar no realçar da importância do aproveitamento do espaço exterior privado, em particular nos centros históricos, que pela densidade de construção que lhes é característica, carecem destes pequenos pólos de descompressão.